

XIX

AS CRUZADAS E O FIM DA IDADE MÉDIA

As primeiras cruzadas.

Reportando-nos ao seculo XI, as Cruzadas nos merecem especial referencia, dado os seus movimentos, caracteristicos da época.

Desde Constantino que os lugares santos da Palestina haviam adquirido consideravel importancia para a Europa ocidental. Milhares de peregrinos visitavam anualmente a paisagem triste de Jerusalém, identificando os caminhos da paixão de Jesus, ou os traços da vida dos Apostolos. Enquanto dominavam na região os arabes de Bagdad ou do Egito, as correntes do turismo catolico podiam buscar, sem receio, as paragens sagradas; mas a Jerusalém do seculo XI havia caído sob o poder dos turcos, que não mais toleraram a presença dos cristãos, expulsando-os dali com a maxima crueldade.

Semelhantes medidas provocam os protestos de todo o mundo catolico do Ocidente e, no fim do seculo referido, preparam-se as primeiras cruzadas em busca da vitória contra o infiel. A primeira expedição que saiu dos centros mais civilizados, sob o comando de Pedro Eremita, não chegou a sair da Europa, dispersada que foi pelos Bulgaros e pelos Hungaros. Todavia, em 1096, Godofredo de Bouillon com seus irmãos, Tancredo de Sicacusa e outros chefes, depois de se reunirem em Cons-

tantinopla demandaram Nicéia, com um exército de 500.000 homens. Depois da queda dessa cidade, apoderaram-se de Antioquia, penetrando em Jerusalém com a palma do triunfo. Ali quiseram presentear a Godofredo de Bouillon com a coroa de rei, mas o duque da Baixa-Lorena parecia rever o vulto luminoso do Senhor do Mundo, cuja fronte fôra aureolada com a coroa de espinhos e considerou um sasrilegio colocarem-lhe nas mãos um cetro de ouro, quando o Cristo tivera, tão somente, nas mãos augustas e compassivas, uma cana ignominiosa. Depois de muita relutancia, aceitou apenas o titulo de "defensor do Santo Sepulcro", organizando-se logo em seguida as ordens religiosas de carater exclusivamente militar, como a dos Templarios e dos Hospitalarios.

Os turcos, porém, não descansaram. Depois de muitas lutas, apossaram-se de Edessa, obrigando o papa Eugenio III a providenciar a segunda cruzada que, chefiada por Luiz VII da França e Conrado III da Alemanha, teve os mais desastrosos efeitos.

Fim das cruzadas.

Em fins do seculo XII, Jerusalém cai em poder de Saladino. Os principes cristãos do Ocidente preparam-se para a terceira cruzada, assinalando-se as vitorias de S. João d'Acre. As lutas no Oriente sucederam-se, anos afio, como furacões periodicos e devastadores. A Palestina, até então, possuia os seus recantos maravilhosos de verdura abundante. A Galiléia era um vasto jardim, cheio de perfume e de flores. Mas tantos foram os embates dos exercitos inimigos, tantas as lutas de exterminio e de ambição, que a propria natureza pareceu mal-dizer para sempre os lugares que mereciam o amor e o carinho dos homens.

As últimas cruzadas foram dirigidas por Luiz IX, o rei santo de França que, depois da tomada de Damietta,

caiu em poder dos inimigos, pagando um fabuloso resgate e vindo a desprender-se da vida terrestre, em 1270, de frente de Tunis, vitimado pela peste.

Os mensageiros de Jesus que, de todos os acontecimentos sabem extrair os fatores da evolução humana para o bem, buscam aproveitar a utilidade desses acontecimentos dolorosos. Foi por essa razão que as cruzadas, não obstante o seu caráter anti-cristão, fizeram-se acompanhar de alguns benefícios de ordem econômica e social para todos os povos. Na Europa, a sua influência foi regeneradora, enfraquecendo a tirania dos senhores feudais e renovando a solução dos problemas da propriedade, conjurando muitas lutas isoladas. Além disso, os seus movimentos intensificaram, sobremaneira, as relações do Ocidente com o Oriente, apenas paralisadas mais tarde, em vista da ferocidade dos turcos e dos invasores mongóis.

O esforço dos emissários do Cristo.

No Infinito, reunem-se os emissários do Divino Mestre, em assembleias numerosas, sob a égide do seu pensamento misericordioso, organizando novos trabalhos para a evolução geral de todos os povos do planeta. Lamentam a inhabilidade de muitos missionários do bem e do amor, que, partindo dos Espaços, saturados dos melhores e mais santos propósitos, experimentam no orbe a traição de suas próprias fôrças, influenciados pela imperfeição rude do meio a que foram conduzidos. Muitos deles se deixavam deslumbrar pelas riquezas efêmeras, mergulhando no oceano das vaidades dominadoras, estacionando nos caminhos evolutivos e outros, como Luiz IX, de França, excediam-se no poder e na autoridade, cometendo atos de quasi selvajaria, cumprindo os seus sagrados deveres espirituais com poucos benefícios e amplos prejuízos gerais para as criaturas.

Mas, compelidas pelas leis do amor que regem o universo, essas entidades compassivas jamais negaram do Alto o seu desvelado concurso em favor do progresso dos povos, procurando aperfeiçoar as almas e guiando os missionários do Cristo através dos mais espinhosos caminhos.

Pobreza intelectual.

No século XIII, estava definitivamente instalado o governo real, desaparecendo as mais fortes expressões do feudalismo. Cada região européia tratava de concatenar todos os elementos precisos à organização de sua unidade política, mas a verdade é que os meios escassos de instrução não permitiam uma existência intelectual mais avançada.

Os Estados que se levantavam, organizavam as suas construções à sombra da igreja, que tinha interesse em não dilatar os domínios da educação individual, receosa de interpretações que não fossem propriamente suas. Os pergaminhos custavam verdadeiras fortunas e o livro era dificilmente encontrado. Até o século XII as escolas estavam circunscritas ao ambiente dos monasterios, onde muitos padres se ocupavam de avivar a letra dos manuscritos mais antigos, produzindo outros para a posteridade. A ciência, cuja linha ascensional guarda o seu ponto de princípio na curiosidade ou na dúvida, bem como a filosofia que se constitue das mais altas indagações espirituais, estavam totalmente escravizadas à teologia, então senhora absoluta de todas as atividades do homem, com poderes de vida e morte sobre as criaturas, considerando-se os direitos absurdos do Tribunal da Inquisição, depois do século XIII, quando, sob a inspiração do Alto, já se haviam fundado universidades importantes como as de Paris e de Bolonha, que serviram de modelo às de Oxford, Coimbra e Salamanca.

Renascimento.

Nesse tempo, opera-se um verdadeiro renascimento na vida intelectual dos povos mais evolvidos do mundo europeu. A universidade se constituia de quatro faculdades — teologia, medicina, direito e artes — reunindo milhares de inteligencias ávidas de ensino, que seriam os grandes elementos de preparação do porvir. Rogerio Bacon, franciscano inglês, notável por seus estudos e iniciativas, é um dos pontos culminantes dessa renascença espiritual. A igreja, contudo, proibindo o exame e a livre opinião, prejudicou esse surto evolutivo, maximé no capítulo da medicina, que, desprezando a observação atenta de todos os fatos, se entregou á magia, com serios prejuízos para as coletividades. Favorecida pela necessidade dos panoramas imponentes do culto externo da religião e pela fortuna particular, a arquitetura foi a mais cultivada de todas as artes, em vista das grandes e numerosas construções então em voga. Com a influencia indireta dos Guias espirituais dos varios agrupamentos de povos, consolidam-se as expressões linguísticas de cada país, formando-se as grandes tradições literárias de cada região.

Transmigrações de povos.

E' então que inumeros mensageiros de Jesus, sob a sua orientação iniciam um largo trabalho de associação dos espíritos, de acordo com as tendências e afinidades, afim de formarem as nações do futuro, com a sua personalidade coletiva. A cada uma dessas nacionalidades seria cometida determinada missão no concerto dos povos do porvir, segundo as determinações sábias do Cristo, erguendo-se as bases de um mundo novo, depois de tantos e tão continuados desastres das fraquezas humanas. Constroem-se os alicerces dos grandes países como a In-

glaterra, que, em 1258 organiza os Estatutos de Oxford, limitando os poderes de Henrique III, e em 1265 erige a Camara dos Comuns, onde a burguesia e as classes menos favorecidas têm a palavra com a Camara dos Lords. A Italia prepara-se para a sua missão de latinidade. A Alemanha se organiza. A Peninsula Iberica é imensa oficina de trabalho e a França ensaiá os seus passos definitivos para a sabedoria e para a beleza.

A atuação do mundo espiritual proporciona á história humana a perfeita caracterização da alma coletiva dos povos. Como os individuos, as coletividades também voltam ao mundo, pelo caminho da reencarnação. E' assim que, vamos encontrar antigos fenícios na Espanha e em Portugal, entregando-se de novo ás suas predileções pelo mar. Na antiga Lutécia, que se transformou na famosa París do Ocidente, vamos achar a alma ateniense nas suas elevadas indagações filosóficas e científicas, abrindo caminhos claros ao direito dos homens e dos povos. Andemos mais um pouco e acharemos na Prussia o espírito belicoso de Esparta, cuja educação defeituosa e transviada construiu o espírito detestável do pangermanismo na Alemanha da atualidade. Atravessemos a Mancha e deparar-se-nos-á na Grã-Bretanha a edilidade romana, com a sua educação e a sua prudência, retomando de novo as redeas perdidas do Império Romano, para beneficiar as almas que aguardaram, por tantos séculos, a sua proteção e o seu auxílio.

Fim da idade medieval.

Os Espíritos abnegados, do plano invisível acompanharam a humanidade em todos os seus dias de martírio e glorificação, em todos os tempos, lutando sempre pela paz e pelo bem de todas as criaturas.

Referindo-nos, de escantilhão, á nobre figura de Jeanne D'Arc, que cumpriu elevada missão adstrita aos prin-

cipios de justiça e de fraternidade na Terra e ás guerras dolorosas que assinalaram o fim da idade-medieval, registamos aqui, que, com as conquistas tenebrosas de Tamerlão e de Gengis Khan e com a queda de Constantinopla, em 1453, que ficou para sempre em poder dos turcos, verificava-se o término da época medieval. Uma nova-era ia nascer para a humanidade terrestre, com a assistencia contínua do Cristo, cujos olhos misericordiosos acompanham a evolução dos homens, das luzes eternas do Infinito.

XX

A RENASCENÇA DO MUNDO

Movimentos regeneradores.

Nos albores do seculo XIV, quando a idade medieval estava prestes a extinguir-se, grandes assembléias espirituais se reunem nas proximidades do planeta, orientando os movimentos renovadores que, em virtude das determinações do Cristo, deveriam encaminhar o mundo para uma nova-era.

Todo esse esfôrço de regeneração efetuava-se sob o seu olhar misericordioso e compassivo, derramando da sua luz sobre todos os corações. Mensageiros devotados reencarnam-se no orbe, para desempenho de missões carinhosas e redentoras. Na peninsula iberica, sob a orientação da personalidade de Henrique de Sagres, incumbido de grandes e proveitosas realizações, fundam-se escolas de navegadores que se fazem ao grande oceano, em busca de terras desconhecidas. Numerosos precursores da Reforma surgem por toda a parte, combatendo os abusos de natureza religiosa. Antigos mestres de Atenas se corporificam na Italia, espalhando nos departamentos da pintura e da escultura as mais belas jóias do genio e do sentimento. A Inglaterra e a França preparam-se para a grande missão democratica que o Cristo lhes conferira. O comercio se desloca das aguas estreitas do Mediterrâ-